

---

## **Crítérios de noticiabilidade no contexto da grande reportagem em podcast: uma análise da série Praia dos Ossos<sup>1</sup>**

Alcides MAFRA<sup>2</sup>

Luis David PADILHA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

Este artigo visa investigar a utilização dos critérios de noticiabilidade dentro do contexto da narrativa jornalística em formato *podcast*. Para isso, propõe realizar uma análise do episódio de estreia da série Praia dos Ossos, produção da Rádio Novelo lançada em setembro de 2020. Este artigo tem caráter exploratório e descritivo e se baseia em análise documental como método e como técnica e na análise de conteúdo sonoro. Como resultado, conclui-se que embora o produto em estudo não se pautasse pelo imediatismo do noticiário, há evidentes critérios de noticiabilidade norteando a narrativa. Ademais, conjectura-se que a apuração dos valores-notícia embutidos na construção de narrativas jornalísticas em *podcast* pode oferecer uma nova instância de análise e caracterização desse formato, ainda bastante aberto a formulações teóricas e categorizações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio e Mídia Sonora; *Podcast*; Critérios de Noticiabilidade; Praia dos Ossos; *Podcast* Jornalístico.

### **TEXTO DO TRABALHO**

Há uma novidade *vintage* operando nos entremeios da mídia sonora. Falamos de novidade pois, embora já contabilize duas décadas, é muito pouca coisa vivida se compararmos ao meio ao qual é aparentada — no caso, o rádio informativo (MEDITSCH, 2001), cuja existência no Brasil ultrapassa mais de um século. Já o parente em questão é o *podcasting*, formato de distribuição sonora que vem ampliando a experimentação e a fruição de conteúdos em áudio digital. Impulsionado, em seus primórdios, pelo diletantismo de aficionados por tecnologia, nos últimos anos o *podcasting* caminhou para se encaixar na lógica de produção comercial e de consumo massificado, dentro daquilo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). E-mail: [alcidesmafrapb@gmail.com](mailto:alcidesmafrapb@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). E-mail: [luisdavidpadilha@gmail.com](mailto:luisdavidpadilha@gmail.com).

---

que Bonini (2020) classificou como a “segunda era” do gênero. Para o autor, o marco dessa mudança foi o ano de 2012, quando houve, nos Estados Unidos, o ingresso de produtores com longa experiência em radiojornalismo no emergente mercado, a consolidação de modelos de financiamento coletivo, estimulando a profissionalização e a produção independente, e a ampliação do mercado consumidor, impulsionado pelo desenvolvimento da tecnologia *mobile*.

No Brasil, a adesão de plataformas como Google e Spotify na produção e distribuição também ajudou a estabelecer uma curva ascendente desde 2014, culminando com um 2019 festejado como o novo “ano do *podcast*” brasileiro. E os períodos seguintes demonstraram que o formato tem fôlego para se desenvolver ainda mais: relatório DataReportal de janeiro de 2023, com dados da empresa de pesquisas GWI, colocou o país no topo do mercado consumidor de *podcasts*, com 42,9% de internautas com idades entre 16 e 64 anos se assumindo ouvintes semanais<sup>4</sup>.

Por conta da referida adesão da grande imprensa, mas não somente por isso, já que o componente da produção independente também se manifesta no cenário nacional, muito do que se produziu em *podcast* no país de 2019 em diante tem caráter jornalístico. De programas de entrevistas a documentários e narrativas de não ficção, o formato mostrou-se um meio eficaz de abordar questões da atualidade, lançar luz sobre fatos distanciados no tempo e promover investigações aprofundadas sobre temas de interesse da sociedade. Tendo por foco esse recorte, este artigo busca compreender como se articulam os critérios de noticiabilidade na constituição da narrativa em formato *podcast*. Para isso, analisou-se o episódio de estreia da série Praia dos Ossos, produção da Rádio Novelo lançada em setembro de 2020 e que, ao longo de oito episódios, rememora um crime ocorrido em dezembro de 1976: o assassinato da “Pantera de Minas”, a socialite Ângela Diniz, pelo empresário Raul Fernando do Amaral Street, seu companheiro à época, em uma praia de Búzios, litoral fluminense. Concebido, segundo palavras da idealizadora, Branca Vianna, como um “filme para se assistir com os ouvidos” (RELLSTAB, 2021), Praia dos Ossos ecoou para além da chamada “podosfera”,

---

<sup>4</sup> <https://bit.ly/44XbycL> (acesso em: 31/07/2023)

---

atingindo 1 milhão de *downloads* em apenas três meses e se posicionando entre os principais produtos que movimentaram o mercado radiofônico digital a partir de 2019<sup>5</sup>.

Esta pesquisa é de exploratório e descritivo, se baseou em análise documental como método e técnica e em análise de conteúdo sonoro com *corpus* no episódio de abertura do *podcast* Praia dos Ossos, denominado “O crime da Praia dos Ossos”. De acordo com Moreira (2008, p. 271), a análise documental “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. Para a autora, esse procedimento pode ser entendido tanto como método quanto como técnica: no primeiro caso, ao pressupor a escolha de um ângulo como base da investigação; no segundo, ao se somar a outras formas de obtenção de dados. Sua natureza é geralmente qualitativa, pois verifica o conteúdo do objeto de análise. Inclusive, essa abordagem classifica como fontes documentais os meios eletrônicos (gravações magnéticas ou digitais de áudio e imagem). Ademais, Gil (2008, p. 51) lembra que a pesquisa documental se vale “de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Gerhardt e Silveira (2009) reforçam que a pesquisa documental pode se confundir com a pesquisa bibliográfica, porém a primeira se baseia em fontes consolidadas, devidamente catalogadas em bibliotecas e repositórios, enquanto a segunda dispõe de fontes mais diversificadas.

Com base nessas orientações, a investigação buscou avaliar se a construção narrativa do episódio em tela apresenta alguns dos critérios de noticiabilidade formulados por Harcup e O’Neill (2016), a partir de estudo realizado em 2001 e revisado em 2014, e por SILVA (2005, p. 96), que classifica os critérios de noticiabilidade como “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia”.

## **NOTAS SOBRE O RADIOJORNALISMO E O *PODCAST***

Barbosa (2015) traça um paralelo entre as grandes reportagens em *podcast* que fizeram sucesso nos Estados Unidos a partir de 2014 e o desenvolvimento do radiodocumentário no decorrer do século XX. A autora recuperou as primeiras produções europeias do período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial até o início dos

---

<sup>5</sup> <https://vejario.abril.com.br/cidade/radio-novelo-podcasts> (acesso em: 09/08/2023)

---

anos 2000, quando programas referenciais do gênero, como *This American Life* e *Radiolab*, promoveram a transição do *dial* para a *web* — e dali ao *podcasting*.

“O rádio público, tanto na América quanto na Europa, formou uma geração de produtores de formatos radiofônicos baseados na contação de histórias que, hoje em dia, vêm se afastando destas emissoras para investir em programas independentes”, reforça Bonini (2020, p. 24). Lindgren (2020) ressalta que Ira Glass, apresentador de *This American Life*, da *National Public Radio* (NPR), pavimentou o caminho criativo de uma geração de *podcasters* interessados em explorar o potencial narrativo do documentário em áudio para distribuição via internet.

Dessa experiência redundou o primeiro grande êxito do gênero: *Serial*. Lançado em outubro de 2014, o programa esmiuçou um caso de homicídio ocorrido no condado norte-americano de Baltimore em 1999. Tornou-se um fenômeno cultural, o *podcast* mais popular de todos os tempos e o principal produto da era de ouro do formato (BARBOSA, 2015). A estratégia e abordagem das histórias, sua estética ficcional e aproximação da apresentadora Sarah Koenig são elementos que explicam o sucesso da atração.

O *podcast* também instigou uma discussão internacional sobre radiojornalismo narrativo e sua abordagem muito pessoal de contação de histórias, que se tornou a assinatura de Koenig. Por um lado, Koenig foi muito criticada por apresentar histórias profundamente pessoais de vida e morte de pessoas reais como entretenimento, em um formato que imitava dramas ficcionais conhecidos da HBO ou da Netflix. Por outro, a forma como Koenig envolveu a si mesma na história promoveu uma maior compreensão dos processos jornalísticos e encorajou um crescente letramento em torno do processo produtivo de rádio e *podcasts*. (LINDGREN, 2020, p. 120)

Radiojornalismo narrativo é a maneira como os produtores da NPR denominaram o modelo ao qual o triunfo de *Serial* é devedor — e, por extensão, todos os *podcasts* que emularam o padrão que este consagrou. Entre as características que se pode atribuir a esse gênero, descontadas aquelas comumente exigidas de uma reportagem, seja ela impressa, em áudio ou vídeo, está a ênfase posta nas histórias pessoais e a preocupação em estabelecer uma relação íntima com o ouvinte (LINDGREN, 2020). Em busca de tal conexão, o ideal da objetividade, tão caro aos manuais de jornalismo, é relativizado. Para Viana (2021, p. 8), isso não significa perda de credibilidade, pois “a prática da subjetividade ressalta o que há de pessoal na atividade do repórter, favorecendo a observação de sutilezas e destacando circunstâncias contextuais e marginais do fato”.

---

Meditsch (2001) desloca ainda mais a baliza ao ponderar que há muitas variáveis envolvidas na construção do discurso jornalístico, como o universo pessoal, as vivências, pressões funcionais e sociais que moldam o entendimento e as motivações de quem se coloca atrás do microfone (ou da tela do computador):

A precariedade do paradigma da objetividade para explicar a realidade e seu conhecimento fica evidente quando se constata que os fatos não são uma realidade exclusivamente objetiva, eles próprios são construções humanas e, como tal, têm um componente subjetivo inseparável. (MEDITSCH, 2001, p. 232)

É importante observar que “jornalismo narrativo” é uma designação arbitrária. Há outras. Rellstab (2021), por exemplo, utiliza audiodocumentário. Ela considera o gênero um derivado do audiovisual e cita como modelo o Projeto Humanos, especificamente a sua quarta temporada, O Caso Evandro, lançada em 2019 e herdeira bem-sucedida do estilo Serial. Praia dos Ossos é outro exemplo oferecido pela autora.

O fato é que, por se tratar de um fenômeno relativamente recente, o *podcast* jornalístico de viés narrativo ainda carece de conceituação precisa. Entretanto, conforme argumentam Bufarah Júnior e Zuculoto (2020, p. 102), a proximidade permite aplicar ao formato os parâmetros dos gêneros discursivos radiofônicos: “Especialmente se utilizarem linguagem radiojornalística, que tem características únicas”. Em artigo posterior, Bufarah Júnior revisita o tema e reforça o argumento de que é “possível estabelecer uma interface de análise entre os *podcasts* jornalísticos e os programas radiojornalísticos, relacionando elementos em comum a partir das teorias apresentadas” (BUFARAH JÚNIOR, 2021, p. 14).

Sendo assim, podemos recorrer a Ferraretto (2014) quando este esmiúça os possíveis tratamentos dados à notícia em produções de rádio. Interessa-nos, particularmente, a definição de grande reportagem, entendida por ele como uma ampliação quantitativa e qualitativa do trabalho ordinariamente executado pelos repórteres de rádio. Adentrando um pouco mais no conceito, observamos uma clara semelhança com as formas narrativas utilizadas em *podcasts*:

Em outros casos, aproxima-se mesmo do gênero diversional, por exemplo, ao expor com criatividade a história pessoal de alguém, explorando na narrativa não ficcional um texto mais literário, ao qual se juntam os recursos de sonoplastia próprios do rádio. Nesse processo,

---

então, há uma possível mistura de jornalismo e dramaturgia. (FERRARETTO, 2014, p. 167)

Entretanto, há um detalhe a ser considerado: o tempo de duração ideal de uma grande reportagem radiofônica varia entre cinco e dez minutos. Episódios de *podcasts*, sabemos, excedem em muito tal limitação. O mais comum é que tenham entre 40 e 60 minutos. Porém, alguns ultrapassam as duas horas — o que os faz avançar sobre os domínios de outro modelo: o documentário radiofônico.

Ferraretto (2014) explica que não é somente a questão temporal que marca a distinção entre um e outro. Basicamente, há mais produção envolvida no documentário, mais vozes sendo ouvidas e com maior espontaneidade — algo que, nas décadas de 1960 e 1970, era conhecido como pesquisa jornalística. “É um processo que se relaciona diretamente com o gênero jornalístico interpretativo, embora possa ter relação com os demais” (FERRARETTO, 2014, p. 227). Isso inclui vários níveis de apuração, que vão da pesquisa bibliográfica e documental à pesquisa audiovisual e realização de entrevistas.

Kischinhevsky (2017) pondera que o *podcasting* emerge como espaço para a construção de experiências imersivas em radiojornalismo narrativo. Refletindo sobre as características específicas desse modelo, o pesquisador ressalta o concurso de trilha sonora para evocar sentimentos e sensações e a linguagem baseada em contação de histórias. Também referido como *storytelling*, este recurso apela aos sentimentos da audiência, em razão da humanização do relato e da caracterização das personagens, o que favorece o processo de empatia (VIANA, 2020). Além disso, o nível de redundância comum ao texto radiojornalístico diminui em favor dos ganchos e resumos explicativos inspirados na lógica da ficção seriada.

A voz em primeira pessoa é recorrente, assim como a já mencionada manifestação de subjetividades, ainda que equalizada pela presença do contraditório e do rigor na apuração, “ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional” (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 79). E como esse tipo de produção radiofônica, porém operando em uma lógica de distribuição própria, em geral desvinculada das urgências dos *hard news*, articula os critérios de noticiabilidade que organizam a construção do discurso jornalístico? Esse é um aspecto que será tratado a seguir.

## **PODCAST NARRATIVO E OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE**

No frenético cotidiano de uma redação, definir o que entra ou fica de fora do noticiário, o que terá destaque ou será mencionado de passagem, é tarefa que supõe algo mais que o *feeling* do jornalista, esse sentido do qual aparentemente todo profissional é dotado, mas ninguém explica como funciona (TRAQUINA, 2005, HARCUP; O'NEILL, 2016). Há uma lógica a presidir o processo e ela mobiliza diferentes instâncias. Para Hall *et al.* (1993), esse complexo mecanismo começa na escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com categorias socialmente construídas.

Os elementos que influem na percepção do que é noticiável são conhecidos como critérios de noticiabilidade. Segundo Traquina (2005, p. 63), o conceito abrange “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável”.

Silva (2013) oferece uma visão um pouco mais aprofundada do tema, ao compreender a noticiabilidade (*newsworthiness*) como toda e qualquer circunstância capaz de influir no processo de produção da notícia. Esse amplo espectro envolve desde aspectos inerentes ao fato, a percepção de mundo do jornalista, a cultura profissional em que está inserido, os interesses e capacidades da empresa de mídia, “relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais” (SILVA, 2013, p. 96).

Como se vê, é um cenário que não se esgota no olhar do profissional e se complexifica na medida em que a precarização do mercado se aprofunda (DEUZE; WITSCHGE, 2016). Uma das consequências, aponta Chagas (2017), é a ausência do jornalista no palco dos acontecimentos, já que concentra seus esforços de apuração no telefone, no computador e nas redes sociais. “Ao lado disso, surge um amplo número de assessorias e agências radiofônicas especializadas como novos atores com poder de barganha nas decisões internas do que pode ou não se tornar notícia nas emissoras” (CHAGAS, 2017, p. 36).

Em um contexto tão movediço e sujeito a reviravoltas, os valores-notícia ainda apresentam considerável grau de imutabilidade. Muitas vezes entendidos como critérios de noticiabilidade em si, os valores-notícia fornecem uma triagem rápida do volume de

---

material bruto a ser processado na contínua manufatura da redação jornalística. Para Traquina, são um importante elemento de interação jornalística e constituem “referências claras e disponíveis a conhecimentos práticos sobre a natureza e os objetivos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração das notícias” (TRAQUINA, 2005, p. 62).

Ainda de acordo com o autor, a primeira tentativa de sistematizar os valores-notícia foi feita por Galtung e Ruge em 1965. A dupla de pesquisadores chegou à seguinte lista: frequência, amplitude, clareza, significância, consonância, inesperado, continuidade, composição, nações de elite, proeminência, personalização e negatividade. Em 2001, Harcup e O’Neill refizeram o estudo, revisando-o em 2014, já dentro do contexto da digitalização de conteúdos e presença das mídias sociais. Neste último, compilaram a relação que segue: exclusividade, más notícias, conflito, surpresa, audiovisuais, compartilhamento, entretenimento, drama, acompanhamento, a elite do poder, relevância, magnitude, celebridades, boas notícias e agenda das organizações de notícias. Silva (2005), por sua vez, sistematizou os critérios de noticiabilidade apontados por esses e outros pesquisadores em categorias organizadas segundo temas gerais: impacto, proeminência, conflito, entretenimento/curiosidade, conhecimento/cultura, polêmica, raridade, proximidade, surpresa, governo, tragédia/drama e justiça.

Harcup e O’Neill (2014) reiteram que os valores por eles elencados estão sujeitos às balizas já apontadas por Silva (2005). Mas é interessante observar que há um aceno ao audiovisual, demonstrando como a cultura do compartilhamento via redes sociais promoveu certo abalo na sólida estrutura dos valores-notícia. Nesse contexto, ainda que em menor medida, a dupla de pesquisadores insere o áudio.

## **CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO CONTEXTO DE PRAIA DOS OSSOS**

*A priori*, consideramos que, sendo esses um produto jornalístico, mesmo que não sujeitos à lógica imediatista do noticiário, estão submetidos às dinâmicas que regem a profissão. Ainda vale a série de condicionantes que o senso comum identifica como o faro ou o *feeling* jornalístico. Ou seja, ainda que gozando de maior frouxidão em relação ao fator tempo e dispondo de variados recursos para os padrões das redações, os *podcasters* não podem ignorar o fato de que a história que pretendem contar precisa preencher certos requisitos, se esperam que o programa conquiste audiência. Ainda que, salvo esparsas

---

exceções, esse formato segue sendo de nicho. Porém, Praia dos Ossos pode arvorar-se ter “rompido a bolha”, pois a produção da Rádio Novelo foi eleita favorita pelos curadores da Apple Podcasts e ficou entre os *podcasts* mais ouvidos da plataforma em 2020. Ganhou um grupo de discussão no Facebook com mais de 3600 integrantes e deverá virar série de tevê — seus direitos foram comprados pela Conspiração Filmes. Dividida em oito episódios (mais três bônus<sup>6</sup> que não constam no *site* da produtora), a série refaz os acontecimentos que levaram ao feminicídio de Ângela Diniz e reflete sobre a repercussão que o caso obteve na época em que ocorreu, especialmente sobre como o resultado do julgamento de Doca Street desencadeou a emergência do movimento feminista no país.

Embora flerte com o gênero *true crime*<sup>7</sup>, ao reconstituir o assassinato de Ângela e o processo judicial que se seguiu a este, Praia dos Ossos centra o interesse de sua narrativa no contexto social que levou a vítima a ser considerada culpada de sua morte pela opinião pública, em um caso exemplar da tese da defesa da honra que, ademais, vigora ainda hoje, a ponto de o Supremo Tribunal Federal ter que se pronunciar pela sua inconstitucionalidade em pleno 2023<sup>8</sup>. Campos *et al.* (2021, p. 6) também identificam marcado componente transmídia no *podcast*, ao destacar o concurso da página de Praia dos Ossos no *site* da Rádio Novelo<sup>9</sup>, onde “é possível encontrar elementos que aperfeiçoam e acrescentam a vivência do receptor na história, especialmente com o uso de fotos da época”. As autoras citam ainda o uso intensivo de material de arquivo, não somente a sonorização de material publicado na época como a descrição de documentos relacionados ao processo.

Com base no exposto, tomemos o episódio-piloto de Praia dos Ossos. Disponível no *site* da produtora, assim como em plataformas agregadoras diversas, o primeiro ato da minissérie sonora foi lançado dia 12 de setembro de 2020. O episódio possui 52 minutos de duração e já no título desfaz qualquer expectativa de mistério. “O crime da Praia dos Ossos” é descrito no *site* da seguinte forma: “Uma socialite, um playboy, uma praia

---

<sup>6</sup> <https://bit.ly/44TS8oR> (acesso em 1/08/2023)

<sup>7</sup> Nomenclatura adotada da língua inglesa, que identifica ‘Crimes Reais’.

<sup>8</sup> <https://bit.ly/3DKWByA> (acesso em 5/08/2023)

<sup>9</sup> <https://bit.ly/47hi7Zd> (acesso em 5/08/23)

---

paradisiaca, um assassinato, uma confissão. O feminicídio de Ângela Diniz seria um caso criminal simples. Seria”.

Já nesse cartão de visitas é possível relacionar valores-notícia como a presença de pessoas proeminentes (celebridades), a existência de um crime (assassinato) e um toque de exotismo, expresso pela referência a uma praia paradisíaca. Hall *et al.* (1993) explicam que os valores-notícia tendem a funcionar em conjunto, ampliando o potencial noticioso do fato — nesse caso, também com vistas a repercutir na comunidade informacional e garantir que o programa obtivesse ampla cobertura midiática.

Ao acionar o *play*, ouve-se o som de ondas do mar, aves marinhas e passos na areia, resultado de um trabalho de captação em externa que reforça a caracterização feita por Rellstab (2021) de que o programa possui marcado DNA audiovisual. A cena de abertura coloca Branca Vianna e Flora Thompson-DeVeaux, a primeira; idealizadora e apresentadora; a segunda, produtora e pesquisadora do programa, percorrendo a praia do litoral fluminense que dá nome ao *podcast*. Elas estão à procura da casa onde ocorreu o crime, 42 anos atrás — a gravação foi feita em junho de 2019. As duas trocam impressões sobre o lugar, que Branca conheceu na infância, mas Flora desconhecia. “Mas a Praia dos Ossos continuava do jeito que eu me lembrava, com aquela cara de vila de pescador cenográfica”, relata a apresentadora, que procura estabelecer um clima de proximidade com o ouvinte. Para Luana Viana (2021, p. 11), a tática é um traço distintivo do jornalismo narrativo em *podcasts*, pois “coloca o narrador no centro das ações como efetivo participante da cena enunciativa, e esse apresentador usa seu protagonismo para convidar o ouvinte a testemunhar as mesmas coisas que ele presenciou durante sua apuração”.

Após localizar o endereço, “ter a sensação de que se a gente abrisse o portão e entrasse pelo corredor, ia dar de cara com um corpo no chão”, e de Flora fazer a leitura do laudo pericial da época, Branca tece breve descrição de Ângela. Ela faz questão de desfazer possível confusão com outra Diniz famosa e vítima de acidente aéreo em 1972, Leila. “A Ângela Diniz não era atriz, nem cantora, nem escritora, mas era o que a gente chama hoje de celebridade”, informa. Em seguida, revela detalhes do crime e de seu executor, Raul Fernando do Amaral Street, conhecido por Doca Street, filho de “uma família paulista quatrocentona que já tinha visto dias melhores, mas ainda era recebida nas festas da alta sociedade”. Resume porque o caso, ocorrido quando ela tinha quatorze anos de idade, foi amplamente noticiado à época: “Ficou famoso porque as pessoas

---

envolvidas eram de coluna social”. A justificativa encontra eco na conceituação de Nelson Traquina: “Dito de uma forma muito simples, o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade” (2005, p. 80).

Branca Vianna encerra a introdução esclarecendo que decidiu revisitar o caso por considerá-lo um “divisor de águas na vida de muitas mulheres”, pois promoveu um levante feminista, e conclui que não se trata somente de uma história de coluna social, mas diz algo sobre a imprensa. A corroborar a afirmação, o episódio dedica-se a acompanhar os passos de Doca Street do momento em que efetuou os disparos até a apresentação diante do júri em Cabo Frio, quase três anos após o crime, e quais circunstâncias fizeram com que ele, réu confesso, fosse visto como vítima perante a opinião pública na época do primeiro julgamento. Desvela-se o papel parcial da mídia, que comprou as alegações da defesa pelo valor de face, configurando o que Traquina (2005) descreve como esfera de consenso:

A esfera de consenso é a região em que encontramos os valores consensuais da sociedade, como a pátria, a maternidade, a liberdade. Nos seus limites estão esses objetos sociais que não são vistos pelos jornalistas e pela maioria da sociedade como controversos. Dentro desta esfera, os jornalistas não se sentem compelidos a apresentar pontos de vista opostos, e, na verdade, sentem frequentemente como sua responsabilidade agir como advogados ou protetores cerimoniais de valores de consenso. Dentro desta esfera, os media noticiosos têm um papel essencialmente conservador e legitimizador” (TRAQUINA, 2005, p. 87).

Esse olhar enviesado, deve-se destacar, não encontra respaldo deontológico, mas sujeita-se às pressões de que fala Gislene Silva (2013). Embora documentos como o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007) ofereçam balizas de atuação pautadas pelo respeito à dignidade humana e de apuração justa e imparcial de fatos, tal preocupação é muitas vezes atropelada na dinâmica acelerada das redações — inclusive, motivada pela manipulação inconsequente dos critérios de noticiabilidade.

Disso redundam distorções como a que redimiu Doca Street e levou Branca ao seguinte questionamento: “Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói?”. Esse é o gancho para o episódio seguinte, mas também é a questão de fundo do capítulo inaugural da minissérie.

Vale ressaltar que o lançamento de Praia dos Ossos foi precedido por intensa campanha de divulgação na imprensa e nas redes sociais e teve, como já apontado por

---

Campos et (2021), apoio de um *site* com imagens e outros materiais para complementar os arquivos em áudio, consolidando o caráter hipermediático do programa, conforme definição de Chagas (2017, p. 36), em sua percepção de que relações de produção são alteradas substancialmente a partir de novas lógicas de produção de conteúdo noticioso: “A presença em diferentes canais, a interação, mediada ou não, com os ouvintes e novos suportes tecnológicos reorganizam o trabalho jornalístico ao lado de outras variáveis contextuais características desse rádio expandido”.

Além disso, repercutem na própria percepção de valores-notícia, ao ampliarem o apelo do enunciado pelo reforço de recursos imagéticos e de interação midiática (HARCUP; O’NEILL, 2014), consolidando a força do *podcasting* em seu papel de remediação da mídia sonora.

## CONCLUSÕES

O presente artigo buscou oferecer uma análise preliminar sobre a maneira como os critérios de noticiabilidade operam no contexto do jornalismo narrativo em *podcast*. Seria necessário aprofundar a investigação, notadamente com a ampliação do *corpus* da pesquisa, para obter dados mais consistentes. No entanto, é possível afirmar que os critérios de noticiabilidade, por ainda estarem embutidos na tradição das redações, condicionam as escolhas do que terá destaque no noticiário e são elemento formativo da percepção da audiência. Ou seja, jornalistas e opinião pública compartilham uma cultura noticiosa comum, reflexo da sociedade redacional preconizada por Deuze e Witschge (2016). Segundo os autores, práticas editoriais são requisito vital para qualquer pessoa na era digital. Assim, “não pode ser considerado algo exclusivo de um grupo profissional particular como os jornalistas empregados em organizações jornalísticas” (DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 9). Nesse sentido, a produção radiofônica, ainda que assíncrona e sob demanda, não ignora certos marcadores, tais como se configuram os valores-notícia: “Os valores-notícia funcionam como critérios de boa orientação, consolidados na prática histórica; uns mais persistentes e outros mais mutáveis” (SILVA, 2005, p. 98). No caso de Praia dos Ossos, a escuta de seu primeiro episódio permite elencar alguns consagrados: envolvimento de celebridades, ocorrência de crime, interesse humano, geração de conflito (expresso pelo movimento que se insurgiu ao resultado do primeiro julgamento), curiosidade, polêmica, tragédia/drama e atuação da Justiça. Pode-se, inclusive, especular

---

sobre a emergência de uma atualização nos valores-notícia, com a inclusão de categorias mais gerais como atuação da imprensa, reconstituição histórica e grandes temas, e outros que dialogam com as mudanças que a sociedade experimentou nas últimas décadas, resultado das dinâmicas e embates de grupos sociais, como é o caso do feminicídio, tema na ordem do dia e cuja tipificação ocorreu em 2015<sup>10</sup>, feminismo e igualdade de gênero. Independentemente da taxonomia adotada, valores-notícias atuam não apenas como critério de seleção, mas permeiam a construção do *podcast* em análise, quase em nível metalinguístico, o que nos leva a crer que a apuração dos valores-notícias embutidos na construção de narrativas jornalísticas em *podcast* pode oferecer uma nova instância de análise e caracterização dessa mídia, ainda bastante aberta a formulações teóricas e categorizações.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, I. C. **Jornalismo narrativo em podcast: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/45zalbB>. Acesso em 7 fev. 2023.

BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/45fIyg1>. Acesso: 7 fev. 2023.

BUFARAH JÚNIOR, A. **Estudos de casos sobre classificação de gêneros e formatos de podcasts jornalísticos na web brasileira**. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/44TDjTt>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BUFARAH JÚNIOR, A.; ZUCULOTO, V. R. M. **Parâmetros teóricos para análise da linguagem radiojornalística aplicada ao formato de podcast**. In: GONZALES, L. et al (org.). *Do ecossistema radiofônico à comunicação de mercado: novos horizontes*. 1 ed. Portugal: Ria Editorial, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/47w5SrU>. Acesso em: 3 fev. 2023.

CAMPOS, D. K. F *et al*. **O uso de recursos de storytelling no podcast Praia dos Ossos**. 13º Encontro Nacional de História da Mídia. Juiz de Fora – MG, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3qgpjJ>. Acesso em: 5 ago. 2023.

---

<sup>10</sup> <https://bit.ly/3YkMfij> (acesso em 5/08/2023)

CHAGAS, L. J. V. Rádio expandido e o jornalismo: as redações radiofônicas na fase da multiplicidade da oferta. **Comunicologia** – Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 10, n. 1, p. 29-45, 27 jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/47eSuZ7>. Acesso em 2 fev. 2023.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O que o jornalismo está se tornando? **Parágrafo**, v. 4, n. 2, jul/dez, 2016. p. 7-21.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Vitória, ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3OJyk1S>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FERRARETTO, L. A. **Possibilidades de convergência tecnológica**: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Santos, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3qmsJW3>. Acesso em 15 fev. 2023.

FERRARETTO, L. A. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. *et al.* **A produção social das notícias**: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

HANITZSCH, T.; VOS, T. Journalism beyond democracy: A new look into journalistic roles in political and everyday life. **Journalism Studies**. Vol. 19, n. 2, 2018, p. 146–164.

HARCUP, T.; O’NEIL, D. What is news? News values revisited (again). **Journalism Studies**, 18:12, 1470- 1488, DOI: 10.1080/1461670X.2016.1150193.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio em episódios, via internet**: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em novembro de 2017.

---

LINDGREN, M. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3KsjpGW>. Acesso em 2 fev. 2023.

LOPEZ, D. C. **Marcos tecnológicos do radiojornalismo do Brasil:** uma revisão histórica. In: KLÖCKNER, L.; PRATA, N. (org). História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica do novo radiojornalismo. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2001.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica.** In: DUARTE, J.; BARROS, A. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, L. A. C.; KNEIPP, V. A. P. **Entre telas e episódios:** a transmídiação no podcast Praia dos Ossos. In: CAJAZEIRA, P. E. S. L. Encontro Nordeste de História da Mídia Alcar Nordeste. Juazeiro do Norte: UFCA, 2021.

PRAIA dos Ossos: 1 – O crime na Praia dos Ossos. [Locução]: Branca Vianna. [S. l.]: Rádio Novelo, 21 ago. 2020. Podcast. Disponível em: <https://bit.ly/3mWfaBB>. Acesso em: 11 nov. 2022.

RELLSTAB, C. C. **Audiocumentário na era dos podcasts:** Um estudo de caso sobre “Praia dos Ossos” e “Retrato Narrado”. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3OmplST>. Acesso em: 11 nov 2022.

SILVA, G. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Estudos em Jornalismo e Mídia (Florianópolis), v. 2 no.1, 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo.** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRINDADE, R. **Com gigante por trás, 2019 é o novo “ano do podcast” no Brasil.** Tilt Uol, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Qs8mS3>. Acesso em: 11 nov 2022.

VIANA, L. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **Rumores.** n. 17, vol. 14. Jan/Jun. 2020.

VIANA, L. **O jornalismo em primeira pessoa em podcasts narrativos:** encontros e tensões deontológicas. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Qr3gFq>. Acesso em: 11 nov. 2022.